



Revista de Investigación del
Departamento de Humanidades y
Ciencias Sociales

E-ISSN: 2250-8139

rihumsoeditor@unlam.edu.ar

Universidad Nacional de La Matanza
Argentina

Mayumi Bartalini, Marina

INTERVENÇÕES URBANAS E DERIVAS SITUACIONISTAS COMO PRÁTICAS NO
CAMPO DA EDUCAÇÃO

Revista de Investigación del Departamento de Humanidades y Ciencias Sociales, núm.
11, mayo-noviembre, 2017, pp. 36-51
Universidad Nacional de La Matanza

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=581968935003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ensayo

Intervenções urbanas e derivas situacionistas como práticas no campo da educação

Marina MayumiBartalini¹

Universidade Estadual de Campinas

UNICAMP (Brasil)

Grupo de Estudos e Pesquisaem

Diferenciação Sociocultural

GEPEDISC (Brasil)

Trabajo original autorizado para su primera publicación en la Revista RiHumSo y su difusión y publicación electrónica a través de diversos portales científicos.

Bartalini, Marina Mayumi (2017) "Intervenções urbanas e derivas situacionistas como práticas no campo da educação" en RIHUMSO Vol 1, nº 11, año 6, (15 de mayo al 14 de noviembre de 2017)pp. 36-51, ISSN 2250-8139

Recibido: 01/04/2015

Aceptado:18/11/2016

¹ Licenciada em Artes Visuais e Mestre em Educação pe la Unicampcomorientação de Elisa Angotti Kossovitch e co-orientação de Renata Sieiro Fernandes. Fez parte do Faculdade de Educação - Grupo de Estudos e Pesquisaem Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC)investigandoa arte no contexto de espaços de Educação Não Formal. Atuou como arte educadorana ONG Centro de Educação e Assessoria Popular, Progen: Projeto Gente Nova, no Programa Federal Mais Educação. Foi Artista visual integrante do Coletivo Moleosediado no Ateliê do MIS - Museu da Imagem e do Som de Campinas. Atualmente professora de artes e português na Escuela Libre de Constitución - Buenos Aires, Argentina.

Resumo

Este ensaio busca mostrar como as derivas e as Intervenções Urbanas podem ser usadas para potencializar e inspirar processos educativos que levem em conta a cidade como um campo de experimentações e experiências valiosas.

Palavras chave: Arte; Cidade; Educação; Intervenção Urbana.

Resumen

INTERVENCIONES URBANAS Y DERIVAS SITUACIONISTAS COMO PRÁCTICA EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

Este ensayo busca dar cuenta de cómo las derivas y las intervenciones urbanas pueden ser usadas para potenciar e inspirar procesos educativos que toman a la ciudad como un campo de experimentación y experiencias valiosas.

Palabras clave: Arte, Ciudad, Educación, Intervención urbana

Abstract

URBAN INTERVENTIONS AND SITUATIONIST DRIFTS AS PRAXIS IN EDUCATION

The essay aims demonstrate how derives and urban interventions may be used to enhance and inspire educational processes in which the city is regarded as a field of experimentation and valuable learning.

Key words: Art; City; Education; Urban Intervention.

Introdução

Buenos Aires Tour (2004) é um dos trabalhos do artista visual argentino Jorge Macchi. Sobre um mapa de Buenos Aires o artista quebra um vidro. As rachaduras entre um estilhaço e outro formam desenhos sobre o mapa oficial da cidade. Estes desenhos originam possíveis caminhos para uma nova cartografia originada pelo acaso.

Os novos caminhos se convertem em um roteiro experimental a partir da eleição aleatória de quarenta e seis pontos ao longo de oito linhas traçadas sobre os desenhos das rachaduras. Macchi utiliza seu novo mapa para deambular pela cidade coletando materiais, sons e imagens que lhe chama a atenção.

Os elementos coletados foram agenciados entre si abrindo outras tantas possibilidades de combinação e recombinação. Trata-se de um trabalho colaborativo em que o músico Edgardo Rudnitzky gravou os sons da cidade e a poetisa Maria Negroni escreveu diversas poesias inspiradas pelos novos caminhos propostos pelo itinerário inusitado de Macchi.



Figura 1- Buenos Aires Tour, Jorge Macchi, 2004.

As fotos tiradas por Macchi durante sua caminhada se agenciaram a poesias, as poesias aos sons, os sons aos materiais coletados na rua (não necessariamente nesta ordem) e tudo isso compôs um diagrama de caminhos entrecruzados, sobrepostos e

interconectados entre si que seguramente levam a outros novos caminhos ainda por serem descobertos.

Esta ação nos dá uma noção de um espaço em impermanência que está permeado pelo eterno fluxo. O espaço da deriva proposto por ele é liso como um feltro composto de milhares de micróbios embolados entre si ilimitadamente que permite que nós nos percamos no infinito labirinto da cidade.

Ao visualizar um mapa no *Google Maps*, facilmente nos perdemos em meio a um grande tecido urbano que está totalmente ocupado e medido em metros quadrados que orientam as dimensões e distâncias entre uma rua e outra, um quarteirão e outro uma cidade e outra, um país e outro. Quem busca orientar-se por este programa virtual, recorre aos campos de busca que traçam um caminho viável no mapa da cidade para chegar ao destino desejado. São caminhos pobres em possibilidades. São segmentos de reta que partem de A para B de B para A.

Os mapas convencionais, aos quais estamos habituados como ferramenta de localização, não levam em conta as rugosidades territoriais constituídas das subjetividades dos indivíduos sendo assim uma maneira totalizante e empobrecida de representação espacial. Os mapas são representações feitas por um avião totalizante do lugar e não levam em conta seus aspectos econômicos, sociais e subjetivos.

A percepção sobre as ruas da cidade, que parte de um espaço fechado medido e ocupado, é diferente de uma percepção de espaço aberto de modelo turbilhão, em que é possível mover-se, ocupar territórios e depois desocupá-los, surgindo em outros pontos e abrindo fissuras para que outros fluxos ocupem os territórios que desocupamos.

O espaço urbano estriado repleto de ruas e avenidas planejadas e construídas de duro concreto cinza são orientadas por placas de normatização, medidas e delimitadas segundo padrões de um determinado plano urbano. Esta constatação é clara e óbvia. A questão a se fazer seria: existem outras possibilidades de olhares, experimentações e experiências que possam extrapolar visões estruturadas sobre o duro planejamento urbano da cidade?

Trata-se de um jogo eterno em que ao mesmo tempo em que o espaço se estria existem também fluxos contínuos livres que se entrelaçam aos estriamentos produzindo outras intensidades, flexibilizando as estruturas para assim abrir espaço à invenção.

Como fazer isso? Criar maneiras de intervir artisticamente na cidade é uma maneira de fazer como que o espaço entre em variação por meio de proposições que provoquem aberturas no grande organismo urbano e estratificado.

O objetivo deste artigo é convidar ao conhecimento de maneiras de conhecer um determinado lugar a partir das práticas de deriva, muito utilizada pelos Situacionistas na década de 50 e 60, e a partir de se renovar o olhar para a cidade, provocar a vontade de criação de Intervenções Urbanas para deslocá-las para o campo da experimentação e educação.

Aqui o campo da Educação é pensado a partir da criação de processos em que a geração de experiências seja uma maneira de aprender sobre o lugar onde vivemos e agir sobre ele a partir de proposições artísticas que inspirem a invenção de novas maneiras de habitar a cidade.

As derivas e Intervenções Urbanas estão aqui relacionadas ao campo da Educação, especificamente a partir de algumas experiências que aconteceram em um espaço de Educação não formal, do qual fiz parte como educadora, entre 2008 e 2010 no bairro Satélite Íris I, em Campinas, situada no estado de São Paulo, Brasil.

Método

O método utilizado para a construção desta investigação é a cartografia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari nos anos 60. As cartografias são trajetórias que fazem parte de uma grande rede de acontecimentos que se conectam e se desconectam todo o tempo e por isso mesmo a ideia de processo e experimentação na construção da investigação é fundamental para que se possa analisar os fatores que compõem esta grande trama de experiências.

A eleição deste método se dá pelo entendimento de que a pesquisa de processos que envolvem educador-pesquisador e o contexto educativo estudado, fazem parte de um jogo em que um interfere no outro e a construção da pesquisa afeta a todos os envolvidos.

O pesquisador ao entrar em contato com seu campo de estudos interfere em seu processo ao mesmo tempo que também é afetado por ele.

Este método permite um estudo das complexidades que envolvem este tipo de pesquisa que escapam a maneiras dicotômicas de ver o mundo. A busca pelo domínio do objeto de estudo pode fazer com que as experiências se paralise e pesquisador e “objeto” sejam interpretados a partir da perspectiva teórica de uma metodologia específica que pode aprisionar ao invés de abrir portas à criação de novas possibilidades e inspirar possíveis processos no campo da Educação.

Este método foi escolhido por não estabelecer metas fixas e assim permite a variação conforme o pesquisador se confronte, se envolva e se relacione com os aspectos inerentes ao seu campo de investigação.

Trata-se de uma maneira de pesquisar que valoriza o caráter de transitoriedade, efemeridade, advindo do plano da experiência e das sensações inusitadas que possam surgir entre pesquisador e objeto de pesquisa. É na complexidade destas relações que se encontram novas potencialidades que possam vir a ser exploradas na pesquisa. O caminhar irá traçar no percurso suas metas.

As cartografias que se traçam ao longo do percurso nos ajudam a construir um conhecimento que parte da produção de mundos construídos coletivamente, já que sujeito e objeto fazem parte de uma mesma rede de agenciamentos que tem a experiência como o principal condutor da relação entre ambos. É na ação que se encontra a investigação e estas ações inevitavelmente marcam os processos trazendo todo o tempo novos questionamentos para a pesquisa.

Desenvolvimento:

Para vivenciar a cidade a partir de uma possível perspectiva labiríntica é preciso deixar-se levar pelo que nos comove, nos chama a atenção e nos provoca curiosidade. É preciso estar atento para deixar que a cidade mostre aquilo que não está instituído ou pré-estabelecido pelos mapas, pelos guias turísticos ou mesmo pela preocupação de chegar a algum lugar específico. Os labirintos devem ser reinventados à cada instante.

A complexidade do labirinto é temporal; quem se perde é aquele que acaba de surgir, que desaparece tão depressa quanto surgiu. É o aspecto desconhecido do porvir que cria a estranheza; e o estranho é também o estrangeiro, o que nos é estranho, o que não dominamos, porque desconhecemos. Conhecer um labirinto exige nele penetrar,

nele se perder, para descobrir as armadilhas do caminho. [...] A incerteza do caminho é intrínseca ao labirinto. O percurso é o próprio labirinto (JACQUES, 2011, p.90).

As imagens, os sons, os esbarrões nos corpos das pessoas das calçadas, o olhar vertical para um prédio alto, o olhar horizontal que vai ao longe, olhos que giram provocados pelas luzes, pelos olhares e o corpo aberto para novas conexões e oscilações fazem com que o acaso determine novos caminhos que são alterados e reconectados a outros a cada momento. Como uma dança sem ensaio, em que um movimento leva a outro e os passos se guiam pelas solicitações do terreno.

A imprevisibilidade era característica fundamental das derivas dos Situacionistas² que por meio de diversas experimentações desenvolveram práticas com o objetivo de andar sem rumo pelas ruas para ampliar a gama de possibilidades de encontros significativos na cidade.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (DEBORD, 1958, p.87).

Por meio da prática da deriva, os Situacionistas propunham novas maneiras de vivenciar a cidade a partir das inquietações do indivíduo em relação ao seu ambiente. A afetividade com os lugares por onde circulavam apontavam possibilidades para a criação de situações que gerassem experiências a partir da desorientação.

As reflexões sobre uma educação que conceba o espaço público como lugar da experiência e da prática da liberdade vai ao encontro de uma ideia de educação que parta do universo cultural dos estudantes re combinadas com propostas pedagógicas, que pela arte, possam constituir novos modos de existência.

“Entregar-se às solicitações do terreno”, como propôs Debord (1958) é estar na cidade a partir do corpo. A escola faz parte de um lugar específico e é onde se cruzam distintas trajetórias. Conhecer o lugar que para nós é familiar a partir da premissa do estranhamento traz a possibilidade de “ver com outros olhos” aquilo que nos passaria despercebido se estamos convencidos por um olhar habitual já contaminado por um caráter cotidiano e monótono.

²A Internacional Situacionista (I.S.) foi um movimento europeu formado em 1957 por artistas, ativistas, escritores, arquitetos e pensadores. Os situacionistas propunham a construção de situações no cotidiano em prol de uma maior participação popular que rompesse com a alienação em relação à espetacularização das cidades.

Extrapolar os muros e transbordar para os espaços públicos são tendências atuais que atravessam também o campo da Educação, já que é comum que a existência de instituições educativas tenha pouca ou nenhuma interação com os espaços externos que as circundam e, portanto, alheias ao que acontece no próprio bairro onde estão situadas.

A urgência de proposições que gerem uma construção de conhecimento mútuo (entre educador e estudantes) acerca do lugar do qual ambos fazem parte, nos leva a pensar este lugar como um território construído socialmente, tensionado por questões políticas e econômicas.

Para viver na cidade é preciso compreender seus códigos, signos, comportamentos e regras de convívio. Para sobreviver, subsistir, ter passado por instituições educacionais pode ou não garantir a sobrevivência na mesma. A concepção da educação como “degrau” para a mobilidade social faz com que os processos educativos não sejam vistos como maneiras de subjetivação do mundo.

A cidade vista a partir de sua potencialidade educativa é o lugar que constitui sujeitos de experiência, como propõe Bondía (2002). A Arte como ferramenta de acesso às subjetividades pode contribuir para que estes sujeitos de experiência possam agir de acordo com seus desejos e sua percepção em relação ao lugar do qual faz parte.

As proposições dos Situacionistas entre as décadas de 50 e 60 iam de encontro aos conceitos de alienação e passividade da sociedade, discutindo a sua participação na “cidade-espetáculo”, que seria de mero espectador. Segundo Jacques (2003), a espetacularização das grandes cidades contemporâneas se dá tanto por sua patrimonialização desenfreada, quanto pela urbanização generalizada.

Os situacionistas eram contra a concepção de Cidade Funcional propostas por arquitetos modernos na Carta de Atenas³ em 1933, em que a cidade estaria dividida de acordo com as necessidades do homem, a partir dos seus lugares de trabalho, moradia e lazer. Esta carta defendia uma cidade funcional em que os lugares estariam fragmentados na cidade.

Por meio do Urbanismo Unitário (no sentido de unificar estes lugares divididos por funções) os situacionistas sistematizaram seu conjunto de ideias para as cidades, não

³A Carta de Atenas considerava a cidade como um organismo a ser concebido de modo funcional, na qual as necessidades do homem devem estar claramente colocadas e resolvidas. Foi redigida por arquitetos modernos em 1933, no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). Carta de Atenas, Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, nov. 1933 <www.vitruvius.com.br/documento/patrimonio/patrimonio02.asp>.

como uma nova proposta de urbanismo, mas como crítica ao funcionalismo separatista da Cidade Funcional, encabeçada principalmente pelo arquiteto francês Le Corbusier.

As situações se davam por meio de distintas manifestações políticas e culturais que visavam a criação de ambiências que levassem em conta os aspectos sentimentais, psicológicos ou intuitivos como fatores constituintes do espaço urbano. A psicogeografia era o método de estudo das diferentes ambiências psíquicas projetadas sobre os caminhos que se formavam por meio das derivas. As derivas eram a prática pela qual, ao caminhar sem rumo, seria possível construir uma cartografia dos comportamentos afetivos e das sensações provocadas pelos estímulos da cidade.

As derivas dos Situacionistas, também eram caracterizadas pelo acaso e por meio de diversas experimentações. Foram desenvolvidas práticas que tinham o objetivo de andar sem rumo pelas ruas, para ampliar a gama de possibilidades de encontros significativos no meio urbano.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (DEBORD, 1958, p.87).

Por meio da deriva, os Situacionistas propunham uma nova maneira de vivenciar a cidade a partir das inquietações do indivíduo em relação ao seu ambiente, atravessados por sua afetividade com os lugares por onde circulava, apontando possibilidades para a criação de situações que gerassem experiências a partir da desorientação.

O bairro Satélite Íris I

Buscando a invenção de novos jogos para a cidade como propõe Debord, as leituras dos situacionistas foram relacionadas com as práticas educativas no Satélite Íris I, bairro periférico da cidade de Campinas. A prática da deriva foi utilizada com o objetivo de conhecer o bairro a partir de novos caminhos que foram propostos durante uma caminhada da qual participaram educadores e estudantes durante as oficinas intitulada de “Ações Artísticas” que aconteceram entre 2008 e 2010.

O bairro Satélite Íris I foi construído sobre um antigo aterro de lixo industrial de uma conhecida fábrica de pneus. Não há sistema de tratamento sanitário e muitas vezes o

lixo enterrado surgia na superfície e crianças e adultos conviviam diariamente com o lixo tóxico deixado há anos atrás pela fábrica que se eximiu completamente de sua responsabilidade quanto ao terreno contaminado.

As ruas eram peculiares. Apenas uma rua era asfaltada e todas as outras eram ou vielas de chão de terra, ou atalhos sinuosos e cheios de obstáculos naturais (pedras, galhos, troncos, poças de água), em meio ao mato, que crescia muito no verão e era queimado no inverno, para abrir terrenos e caminhos pelo bairro.

O objetivo das oficinas era provocar reflexões sobre o bairro onde moravam os educandos a partir de caminhadas em que a câmera fotográfica era a principal ferramenta de registro. As fotos tiradas durante as caminhadas, serviram como disparadoras de reflexões para se pensar as questões do bairro, focando nas relações sociais, a estética do bairro e seus problemas estruturais.

As derivas foram usadas para estimular o olhar aos aspectos que muitas vezes passam despercebidos. Para dar visibilidade às descobertas feitas durante as caminhadas foram elaborados trabalhos de Intervenção Urbana em diversos locais do bairro.

Caminhar entre ruas, atalhos e caminhos sinuosos, vivenciadas coletivamente por educandos e educadores, deixaram-os mais atentos aos aspectos que antes passavam despercebidos no cotidiano e possibilitaram a junção de outros elementos à algumas antigas inquietações: o problema do lixo no bairro, que sempre foi um tema recorrente nas discussões do grupo, demonstrou um incômodo latente; a falta de parques, praças, clubes, quadras de futebol, lugares de lazer onde todos pudessem se encontrar apenas para se divertir; a grande distância dos hospitais, farmácias, postos de saúde que dificulta o acesso ao sistema de saúde; a falta de asfalto nas ruas que no inverno trazia problemas respiratórios devido à grande névoa de poeira que se forma quando a umidade relativa do ar estava baixa; a falta de saneamento básico que facilitava a proliferação de insetos e contaminava a água potável; o risco de viver sobre o antigo aterro sanitário deixado pela empresa de pneus, onde o bairro foi construído e não se pode plantar ou consumir nada, já que o solo está contaminado.

Para localizar estes problemas no bairro a Intervenção Urbana foi o meio utilizado para expressar e pontuar estes problemas nos lugares específicos onde eles aconteciam.

A ideia de criar Intervenções Urbanas a partir das possíveis inspirações que surgiram durante as derivas pelo bairro teve potência de proporcionar experiências inusitadas

tanto em quem as realizou como também nas pessoas que casualmente passaram por elas.

Os trabalhos de Intervenção Urbana são modelados pela noção de fluxo, movimento, ruptura e provocação. Segundo Brissac (1994) estas Intervenções apostam na experimentação lidando com fatores e variáveis que escapam à previsão e ao controle; componentes que dizem respeito ao jogo dos atores no espaço urbano, uma indeterminação que é própria da cidade (BRISSAC, 1994, p.88).

No bairro Satélite Íris I as Intervenções geraram diversas reações nos moradores na medida em que eram interceptados durante as caminhadas e questionados pelos estudantes sobre seus incômodos sobre o lugar onde vivem e transitam.

Depois das caminhadas os estudantes se reuniram para ver os registros fotográficos e assim pensar em estratégias expressivas que sinalizassem o problema do acúmulo de lixo em pontos específicos do bairro. Para tanto, foram feitas esculturas de lixo para que estes materiais descartados pudessem ter visibilidade para seu uso criativo e ao mesmo tempo apontar para o problema em questão.

As esculturas de lixo e entulhos encontrados e coletados num terreno baldio foram construídas a partir do tema do equilíbrio fazendo com que a atividade tivesse um caráter lúdico, em que o jogo estava em combinar elementos por cores, formas e materiais. O trabalho foi intitulado de "Reorganizações de lixo".

Notava-se que os estudantes encararam a construção das esculturas como um grande desafio. Cada vez que um objeto caía, toda a escultura desmoronava, fazendo com que todos persistissem e se empenhassem ainda mais em equilibrá-la sem deixar de



Figura 2- Registro fotográfico das oficinas "Ações Artísticas" - Reorganizações de Lixo, 2010.

lado a estética que eles queriam atribuir a ela.

Por meio dos relatos de alguns estudantes, soubemos que a escultura de lixo foi desmontada, um dia depois de feitos, por moradores do bairro, pois alguns deles acreditavam que a escultura fazia parte de algum ritual de religião afro descendente e por ser um bairro com grande número de frequentadores da igreja evangélica, a escultura gerou certo desconforto em alguns dos moradores.

Este fato foi interessante para a reflexão sobre os diferentes impactos que as Intervenções podem causar em relação à população local e sobre a efemeridade de trabalhos artísticos realizados em espaços públicos.

Outras ações foram feitas para visibilizar problemas e virtudes do bairro. Foram penduradas placas de papel em alguns pontos específicos. Estas placas imitavam placas de trânsito, mas ao invés de regras e normatizações, foram escritas nas placas reivindicações quanto à resolução de problemas estruturais e também apontamentos das coisas que os estudantes gostavam no bairro. Algumas das placas permaneceram por algumas semanas nos locais, outras foram retiradas pelos próprios moradores no mesmo dia em foram colocadas.



Figura 3- - Registro fotográfico das oficinas "Ações Artísticas" –Ação: “Cadê?/Achei!”, 2010.

As placas que continham a inscrição “Achei!” relacionadas ao que foi encontrado de interessante no bairro estavam relacionadas às evidências das coisas mais simples e pequenas que muita gente não dava importância, como flores que se abrem todos os dias por volta das onze horas e que ficam à beira das ruas de terra.

Para abrigar as placas de “Cadê?”, alguns educandos buscaram espaços que pareciam adequados para a existência de estabelecimentos que iam ao encontro com as necessidades locais, como a reivindicação de praças públicas, clubes, parques, piscinas públicas, escolas.

Cauene, de 12 anos, colocou a seguinte placa em frente a uma casa comercial desativada: “*Cadê a farmácia que poderia ser mais perto de casa?*”, demonstrando que no Satélite Íris I não há nenhuma farmácia. Para acessá-la é preciso caminhar por cerca de uma hora até o bairro mais próximo ou emprestar o carro do vizinho, como disse Cauene.

Esta foi uma forma de direcionar os olhares para tudo o que chama a atenção quanto ao que faz falta no bairro ou o que existe e que deveria ser valorizado.

Considerações finais

A importância de uma concepção de Educação que se volte para as questões específicas do lugar está relacionada a uma maneira de vivenciar a cidade se atentando para o fato de que ela educa em diversos âmbitos, sejam por meio das instituições específicas de educação escolar, bibliotecas, museus, parques, entre outros ou no simples caminhar sem rumo pela cidade.

As derivas como disparadoras de experiências serviram aqui como travessia para uma nova concepção de cidade que não só nos ensina os mecanismos básicos necessários para desenvolver a nossa vida e o viver e sobreviver nela e a ela, mas que também pode educar no âmbito das sensibilidades, proporcionando assim brechas para a criação de outras possibilidades de habitá-la de maneira participativa e não alienada.

As Intervenções Urbanas nas oficinas de artes tiveram o objetivo de mapear estes espaços esquecidos, para dar visibilidade a eles. O valor deste tipo de trabalho é garantir que os estudantes possam expressar-se a partir das relações que já possuem com o bairro, por meio de seu corpo, escuta e olhar. Sentidos estes, que muitas vezes são colocados em segundo plano por uma concepção de cidade que valoriza apenas o visual e o consumo de imagens.

As derivas pelo bairro atentaram para novas questões quanto aos usos dos espaços públicos e suas faltas. Pela ausência percebeu-se que faltam espaços de lazer e espaços culturais. A negligência do Estado quanto aos direitos básicos dos moradores do bairro também foram explicitadas por meio destas ações que reivindicávamos que faltava no bairro. Ao mesmo tempo que informavam estas faltas, geravam provocações aos moradores que ao entrar em contato com as Intervenções puderam conversar com os estudantes sobre possíveis maneiras de reivindicar melhorias no bairro.

Estas experiências vivenciadas no campo da educação e na arte têm em comum a deriva para "perder-se" e inspirar-se artisticamente através da Intervenção Urbana que tem potência de pontuar e trazer reflexões sobre aspectos particulares de determinados lugares evidenciando o contexto específico em que se encontram e convidando à ação e criação de novas maneiras de existir e resistir nas grandes cidades.

Bibliografia

- BRISSAC, N. (1994). *Arte/Cidade: A cidade e seus fluxos*. São Paulo: Editora Marca D'água. Catálogo de Exposição.
- BRISSAC, N. (2002). *As máquinas de guerra contra os aparelhos de captura*. São Paulo: Editora Senac.
- BRISSAC, N. (2002). *Intervenções urbanas: arte cidade*. São Paulo: Editora Senac.
- BONDÍA, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 19-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 12/09/2015.
- DÉBORD, Guy. Teoria da deriva (1958). In: JACQUES, P. B. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, pp. 87-91.
- _____. (1955). Introdução a uma crítica da geografia urbana. In: JACQUES, P. B. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 39-42.
- _____. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1996). 1933 - Micropolítica e segmentaridade. In G. Deleuze & F. Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. p. 83-115.
- FREIRE, C. (1997). *Além dos mapas: monumentos no imaginário urbano e contemporâneo*. São Paulo: Editora Annablume.
- JACQUES, P.B. (2004). "Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade". *Revista Arquitexto*, n.07, pp.16-25. Extraído em 25 de março de 2016 desde <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>.
- JACQUES, P.B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- MACCHI, Jorge (2004). *Buenos Aires Tour. Livro-objeto*. Buenos Aires, Argentina. Extraído em 23 de março de 2016 desde <http://www.jorgemacchi.com/en/works/99/buenos-aires-tour>.

Imagens:

Figura 1 - Buenos Aires Tour, Jorge Macchi, 2004. Extraído em 05 de novembro de 2015 desde <http://universes-in-universe.de/car/istanbul/2003/antrepo1/e-tour-14-1.html>

Figura 2- Registro fotográfico das oficinas "Ações Artísticas" - Reorganizações de Lixo, 2010. Arquivo particular.

Figura 3- - Registro fotográfico das oficinas "Ações Artísticas" – Ação: “Cadê?/Achei!”, 2010. Arquivo particular